



ESCOLA DE
HUMANIDADES

TEOCOMUNICAÇÃO

Revista da Teologia da PUCRS

Teocomunicação, Porto Alegre, v. 55, n. 1, p. 1-14, jan.-dez. 2025

e-ISSN: 1980-6736 | ISSN-L: 0103-314X

<http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2025.1.47698>

ARTIGOS LIVRES

O significado esponsal do corpo à luz das catequeses da Teologia do Corpo de João Paulo II

The spousal meaning of the body in light of John Paul II's Theology of the Body audiences

El sentido esponsal del cuerpo a la luz de la catequesis de la Teología del Cuerpo de Juan Pablo II

Gustavo Escobozo da Costa¹

orcid.org/0009-0009-1999-7959
gustavoescobozo@hotmail.com

Recebido em: 20 mar. 2025.

Aprovado em: 18 jul. 2025.

Publicado em: 19 dez. 2025.

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender o significado esponsal do corpo, à luz das catequeses da Teologia do Corpo que foram proferidas por João Paulo II nos primeiros anos de seu pontificado. Partindo dos três ciclos iniciais das catequeses, indicamos o significado esponsal do corpo no princípio, na história e no futuro da pessoa humana. Para isso, utilizamos a abordagem de pesquisa qualitativa, através da metodologia de análise bibliográfica e documental. De acordo com João Paulo II, o significado esponsal do corpo corresponde à capacidade que o ser humano tem de exprimir o amor de total autodoação e de afirmar a pessoa. Este, que foi experienciado pela pessoa desde a criação, não é perdido com o pecado, mas pode ser vivido por todos a partir da redenção operada por Cristo, mediante a vida segundo o Espírito, e, com a ressurreição, terá seu sentido elevado à plenitude.

Palavras-chave: Significado Esponsal do Corpo. Teologia do Corpo. João Paulo II.

Abstract: The main purpose of this work is to comprehend the spousal meaning of the body in light of the Theology of the Body audiences delivered by John Paul II during the first years of his pontificate. As from the three primary cycles of audiences, the spousal meaning of the body is indicated within the beginning, the history and the future of the human person. For such, qualitative research approach has been used in this work through a methodology of bibliographic and data analysis. According to John Paul II, the spousal meaning of the body corresponds to the capacity the human person has of expressing a love that is a total gift of self and able to affirm the person. Such meaning, that has been experienced since the beginning of creation, is not lost with the presence of sin, but is available through the redemption given by Christ upon a life in accordance with the Spirit. Resurrection only will bring this meaning to its fullest.

Keywords: Spousal Meaning of the Body. Theology of the Body. John Paul II.

Resumen: Esta investigación tuvo como objetivo principal comprender el significado esponsal del cuerpo a la luz de las catequesis de la Teología del Cuerpo que impartió Juan Pablo II en los primeros años de su pontificado. A partir de los tres ciclos iniciales de la catequesis, indicamos el significado esponsal del cuerpo en el inicio, en la historia y en el futuro de la persona humana. Para ello, se utilizó un enfoque de investigación cualitativo, utilizando la metodología de análisis bibliográfico y documental. Según Juan Pablo II, el significado esponsal del cuerpo corresponde a la capacidad del ser humano de expresar el amor de donación total y de afirmar la persona. Esto, que la persona ha experimentado desde la creación, no se pierde con el pecado, sino que puede ser vivido por todos mediante la redención realizada por Cristo, mediante la vida según el Espíritu, y con la resurrección tendrá su significado elevado a plenitud.

Palabras clave: Significado Esponsal del Cuerpo. Teología del Cuerpo. Juan Pablo II.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

Introdução

Karol Józef Wojtyła, cardeal polonês, foi eleito papa da Igreja Católica, em outubro de 1978, adotando o nome de João Paulo II. Seu pontificado foi o terceiro maior da história, com duração de 26 anos. Tendo sido reconhecido como uma das maiores personalidades do século XX, seu ministério petrino foi fecundo não somente para os fiéis da Igreja Católica, mas também para os povos de todo o globo.

Dentre suas grandes contribuições, destacam-se as famosas catequeses sobre *O amor humano no plano divino* (João Paulo II, 2019), conhecidas usualmente como as catequeses da *Teologia do Corpo*. Seu conteúdo corresponde ao conjunto de 133 ensinamentos, dos quais 129 foram proferidos nos primeiros anos de seu pontificado, entre o período de 5 de setembro de 1979 a 28 de novembro de 1984, com algumas pausas para outros assuntos, durante as audiências gerais de quarta-feira no Vaticano.

A contribuição de João Paulo II, com as catequeses de sua Teologia do Corpo, cujo conteúdo traz em si um autêntico tratado de teologia, antropologia e ética, levando em consideração os aspectos subjetivos e objetivos do homem e da mulher, oferece uma reflexão teológica sobre o corpo humano que antes não se encontrava na teologia católica. Se, anteriormente, o corpo era desprezado em relação à alma, agora passa a ser compreendido como um local teológico.

Durante o período em que ainda era professor em Cracóvia, Karol Wojtyła (2015) havia escrito a obra filosófica *Amor e responsabilidade*, publicada em 1960, na qual foram abordados diversos assuntos que permeiam a moral sexual. Essa obra traz o fundamento filosófico do pensamento do papa polonês acerca da dignidade do corpo e da pessoa humana. Tais assuntos são por ele retomados nas catequeses da Teologia do Corpo, contudo com maior profundidade teológica. Ademais, sua obra filosófica também teve o intuito de ser uma resposta às exigências que a chamada "Revolução Sexual" e os seus desdobramentos provocaram na sociedade.

Antes de ser eleito papa, João Paulo II já estava

escrevendo um livro, cujo título era *Homem e mulher Ele os criou*. Essa obra, prevista para ser publicada como um livro, foi, então, adaptada para que, nos anos posteriores, pudesse ser apresentada através das audiências gerais de quarta-feira, tornando-se o projeto formativo inaugural de seu pontificado. Suas reflexões se fundamentam no que ele próprio chama de uma "antropologia adequada", que busca a compreensão e interpretação da pessoa humana naquilo que, nela, é essencialmente humano. Nessa antropologia, o ser humano é visto na sua integridade, evitando-se qualquer tipo de reducionismo.

Dentre os diversos temas abordados pelo papa polonês, em suas catequeses sobre o amor humano, o significado esponsal do corpo é um dos mais importantes. Nesse sentido, o objetivo geral do presente artigo é compreender o significado esponsal do corpo, à luz das catequeses da Teologia do Corpo de João Paulo II.

O presente artigo foi estruturado da seguinte forma: na primeira seção, apresentaremos o significado esponsal do corpo, de acordo com o plano original de Deus para a criação; na segunda seção, analisaremos o significado esponsal do corpo, diante das consequências do pecado original e da redenção operada por Cristo; e, finalmente, na terceira seção, destacaremos o significado esponsal do corpo na ressurreição final.

No contexto de uma sociedade que, em um extremo, aparenta supervalorizar o corpo e, em outro extremo, o despreza ou o reduz a uma de suas dimensões, a visão teológica de João Paulo II, acerca da corporeidade, conjuga o corpo à totalidade que é a pessoa humana, acrescentando a ele um novo significado esponsal.

1 O significado esponsal do corpo no plano original de Deus para o homem e a mulher

De forma cronológica, as catequeses da Teologia do Corpo, proferidas por João Paulo II, foram divididas em seis ciclos. Nesta seção, tomaremos como escopo as catequeses do primeiro, que tratam do apelo de Cristo ao "princípio". Nessas

reflexões, João Paulo II parte do diálogo de Jesus com os fariseus, narrado pelos Evangelhos de Marcos (10,2-12) e Mateus (19,3-9), em que Cristo é questionado acerca da indissolubilidade do matrimônio.

1.1 As três experiências originais do ser humano

Ao ser questionado sobre a indissolubilidade do matrimônio, Jesus, para responder aos fariseus, remonta ao livro do Gênesis, ou seja, ao princípio, resgatando o plano original de Deus para o homem e a mulher e, também, para o matrimônio. João Paulo II observa que a significativa expressão "desde o princípio", que Cristo repete duas vezes, leva seus interlocutores a refletirem sobre a maneira como, no mistério da criação, a pessoa humana foi moldada como homem e mulher (TdC 1,4)².

Através dessa perícopes, o papa aponta que Cristo não aceita que a questão da indissolubilidade do matrimônio seja discutida no nível da práxis histórica do homem marcado pelo pecado original³, mas a transporta para o nível da situação anterior ao pecado, isto é, à situação proto-histórica⁴. Nesse sentido, Jesus faz o convite para que seus interlocutores ultrapassem o limiar do pecado original e encontrem a verdade sobre o matrimônio no contexto vivido pelo homem em plena harmonia com o seu criador (Merecki, 2014, p. 5). A partir disso, João Paulo II desenvolve uma hermenêutica da "pré-história teológica" do homem, ou seja, do seu princípio teológico.

De acordo com Merecki (2014, p. 9), embora o papa polonês elabore suas reflexões a partir do texto bíblico, sua análise não possui o caráter da exegese bíblica no sentido técnico do termo. Antes, o método por ele utilizado pode ser definido como a "hermenêutica fenomenológica do princípio". Por meio de seu método, João Paulo II analisa

o princípio do homem e da mulher, mediante a aproximação entre os dois relatos da criação, e extrai três experiências elementares da primeira humanidade criada, salientando a consciência de como o homem e a mulher se percebem, dentro da criação, através da corporeidade.

Na visão do papa, para interpretar a revelação a respeito do ser humano e do corpo, deve-se fazer referência à experiência, porque o homem-corpo é percebido, sobretudo, na experiência (TdC 4,4). Nesse sentido, Merecki (2014, p. 9) observa que a experiência da humanidade é analisada pelo papa polonês "a partir de dentro" – sendo assim, a partir da perspectiva da sua subjetividade.

Para desenvolver suas reflexões acerca das três experiências elementares da humanidade do princípio, o papa polonês parte da segunda narrativa da criação (Gn 2,4b-25), que constitui a "mais antiga descrição e registro da autocompreensão do homem e, juntamente com o capítulo 3, é o primeiro testemunho da consciência humana" (TdC 3,1).

Isto posto, as três experiências originais do estado de inocência original do ser humano, ou seja, antes do pecado original, analisadas por João Paulo II, que se encontram na segunda narrativa da criação (Gn 2,4b-25), são: solidão original, unidade original e nudez original. Todas elas se apresentam ligadas à corporeidade.

1.1.1 Solidão original

A primeira experiência originária destacada por João Paulo II é a chamada "solidão original" e é refletida a partir do seguinte versículo: "não é bom que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele" (Gn 2,18). Embora o significado mais óbvio dessa solidão corresponda ao fato de o homem estar sozinho sem a mulher, o papa polonês extrai um significado mais profundo (West, 2018, p. 50).

² Ao fazermos referência às catequeses da Teologia do Corpo de João Paulo II, resumiremos por TdC, com o número e o parágrafo correspondente à compilação na obra *Teologia do Corpo: o amor humano no plano divino* (João Paulo II, 2019), da editora Ecclesiae.

³ Ao longo das catequeses, João Paulo II se utiliza do termo "homem histórico" para se referir ao estado da humanidade após o pecado original, mas que já foi redimida por Cristo. Portanto, ao tratarmos da humanidade histórica, estaremos nos referindo ao homem e à mulher nessa condição.

⁴ A situação proto-histórica corresponde ao que, na teologia, é chamado de "estado de natureza íntegra", em que o primeiro homem e a primeira mulher se encontram em harmonia com o Criador e com a criação. Para se referir a esse estado da humanidade, João Paulo II se utiliza dos termos "homem do princípio" ou "homem originário".

Conforme o papa, é significativo que, no texto bíblico, o primeiro homem ('*adam*') passe a ser definido como "varão" somente após a criação da primeira mulher. Nesse sentido, quando o Criador pronuncia as palavras acerca da solidão, refere-se à solidão do ser humano enquanto tal, não apenas à solidão do varão (TdC 5,2). Portanto, no mundo visível, o homem está sozinho enquanto pessoa (West, 2018, p. 51).

Em suas catequese, o papa destaca que a experiência originária de solidão possui dois significados (TdC 5,2). O primeiro significado deriva da própria criatura, que é a pessoa humana, isto é, da sua humanidade. De acordo com o papa polonês, essa solidão corresponde a uma solidão ontológica do ser humano, que, após ter colocado nome em todos os animais (Gn 2,7), adquire consciência da própria superioridade, ou seja, de não poder se colocar em igualdade com nenhum outro ser vivo sobre a terra (TdC 5,4). Para essa experiência, o corpo possui um papel fundamental, como João Paulo II afirma:

O corpo, mediante o qual o homem participa no mundo criado visível, torna-o ao mesmo tempo consciente de "estar sozinho". De outro modo não teria sido capaz de chegar àquela convicção, a que, efetivamente, como lemos, chegou se o seu corpo o não tivesse ajudado a compreendê-lo, tornando o fato evidente (TdC 6,3).

Segundo West (2007, p. 102), o primeiro ser humano, ao nomear os animais, encontrou diversos corpos, contudo nenhum deles revelou uma pessoa, como o seu corpo assim o fez. Nesse sentido, Anderson e García (2014, p. 40-41) explicam que esse primeiro significado da solidão original corresponde ao fato de o primeiro ser humano criado não encontrar, no mundo visível, algo que o sacie e, portanto, ser convidado a transcender seu olhar para o Criador, de quem é chamado a se tornar companheiro. Com isso, a solidão não é entendida como uma experiência de isolamento, mas de abertura para Deus, o qual é o único capaz de saciar a pessoa humana.

Por conseguinte, quanto ao segundo significado da solidão original, esse sim deriva da relação homem-mulher. O ser humano, na sua experiên-

cia de solidão, ao mesmo tempo que alcança sua pessoal consciência, ao se distinguir dos demais seres vivos, abre-se para um ser análogo a ele, que o texto bíblico define como "auxiliar que lhe é semelhante" (TdC 9,2).

Nesse sentido, João Paulo II analisa que a solidão original, descrita na segunda narrativa da criação, introduz, na sua primeira nuance, o descobrimento da característica de transcendência própria da pessoa, e, no segundo sentido, o descobrimento de uma adequada relação "à" pessoa e abertura para uma "comunhão de pessoas". Com isso, partindo da narrativa bíblica, o papa destaca que a primeira experiência originária, ou seja, a solidão original, é o caminho que leva à segunda: a unidade original (TdC 9,2).

1.1.2 Unidade original

A segunda experiência originária apontada por João Paulo II é a unidade original. Essa, por sua vez, "baseia-se na masculinidade e na feminilidade, quase como sobre duas diferentes 'encarnações', isto é, sobre dois modos de 'ser corpo' do mesmo ser humano, criado à imagem de Deus" (TdC 8,1). Para suas reflexões, o papa polonês parte do versículo "por isso o homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne" (Gn 2,24).

West (2007, p. 103) constata que a unidade original se refere, primeiramente, ao fato de que o homem e a mulher compartilham a mesma humanidade. A exclamação "esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne" (Gn 2,23), do primeiro homem, diante da primeira mulher, possibilita-nos enxergar, a partir da corporeidade, a grande expressão de comunhão que há na relação homem-mulher, na qual um se encontra como complemento ao outro.

Como Anderson e García (2014, p. 62) observam, o primeiro homem reconhece na primeira mulher alguém com quem finalmente pode compartilhar um mundo aberto para Deus. Nesse sentido, a masculinidade e a feminilidade se apresentam como duas formas distintas de viver a abertura do corpo humano à transcendência (Anderson; García, 2014, p. 64).

Por conseguinte, João Paulo II destaca a unidade que se dá através do corpo, na qual homem e mulher são chamados à união em uma só carne. Ela possui duas dimensões, a dimensão ética e a dimensão sacramental, e indica não apenas o corpo, mas também a *communio personarum*⁵ (TdC 9,5). Nesse sentido, compreendemos que, desde o princípio, o homem e a mulher são chamados a superarem sua solidão e adentrarem no âmbito da relacionalidade, no qual a diferença sexual não é uma ameaça, mas um convite à comunhão (West, 2007, p. 107), pois é essa mesma diferença que os possibilita se doarem um ao outro (Healy, 2005, p. 24).

Dessa maneira, João Paulo II busca extrair da segunda narrativa da criação aquilo que a primeira narrativa evidencia de forma clara e objetiva: o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26). Para isso, parte da criação do ser humano, que, primeiramente, é submetido à experiência da solidão original, para, então, dar a vida à *communio personarum*, formada pela mulher e pelo homem. Dessa forma, ao adaptar a segunda narrativa da criação ao conteúdo da primeira, o papa afirma que a pessoa humana é imagem e semelhança do Criador não apenas mediante a própria humanidade, como também mediante a comunhão das pessoas que o homem e a mulher formam desde o princípio. Em outras palavras, a pessoa humana, desde o princípio, não é só imagem em que se espelha a solidão de um Deus que governa o mundo, mas uma "imagem de uma imperscrutável comunhão divina de Pessoas" (TdC 9,3).

1.1.3 Nudez original

Finalmente, a terceira experiência evidenciada por João Paulo II é a chamada "nudez original". À luz do versículo bíblico "homem e mulher estavam nus, mas não sentiam vergonha" (Gn 2,25), o papa polonês desenvolve suas reflexões e destaca que essa experiência é um elemento-chave para a

compreensão do plano original de Deus para o ser humano (West, 2018, p. 56).

De acordo com o papa, a nudez, com ausência de vergonha, descreve o estado de consciência do homem e da mulher, bem como a recíproca experiência do corpo, ou seja, a experiência por parte da mulher da masculinidade, que se revela na nudez do corpo masculino, e a experiência da feminilidade por parte do homem, revelada na nudez do corpo da mulher (TdC 11,3).

João Paulo II destaca que, para uma correta descoberta do significado da nudez original, faz-se mister não apenas considerar a participação da humanidade na percepção exterior do mundo, mas também descer ao íntimo do ser humano, chegando à dimensão da sua interioridade, a fim de compreender a comunicação interpessoal que permitia que o homem e a mulher estivessem nus, mas não sentissem vergonha (TdC 12,4).

O papa observa que, na experiência originária da nudez, o homem e a mulher se veem reciprocamente além dos olhos do corpo, ou seja, veem-se e se conhecem através da paz do olhar interior (TdC 13,1). À luz disso, West (2018, p. 57) explica que esse olhar interior não corresponde apenas à visão de um corpo, e sim de um corpo que revela um mistério espiritual e pessoal, isto é, homem e mulher viam o plano de amor de Deus inscrito em seus corpos. Destarte, o homem e a mulher, por terem sido criados à imagem de Deus, compartilham da visão do Criador e, por meio desta, compreendem o significado do seu próprio corpo e o do corpo do outro (Bransfield, 2010, p. 105).

Finalmente, João Paulo II afirma que o significado da nudez original corresponde à plenitude de visão, em que a compreensão do significado do corpo nasce no coração da comunhão entre homem e mulher (TdC 13,1). Esse significado é denominado pelo papa de "significado esponsal".

As experiências refletidas até aqui, solidão-unidade-nudez, que compõem o estado de

⁵ Comunhão de pessoas. Expressão retomada do Concílio Vaticano II (*Gaudium et Spes* 12), por João Paulo II, para se referir à experiência de relação à qual homem e mulher são chamados. Em seu pensamento, ao diferenciar comunhão de comunidade, afirma que "*communio* diz mais e com maior precisão, porque indica exatamente aquela 'auxiliar' que deriva, em certo sentido, do próprio fato de existir como pessoa 'do lado' de outra pessoa" (TdC 9,2). Nesse sentido, a relação entre o homem e a mulher é uma relação de comunhão, não de comunidade, sendo a comunhão parte ontológica da pessoa humana.

inocência original da humanidade, em sua pré-história teológica, por mais distantes que pareçam estar, encontram-se na raiz da experiência de cada homem e mulher de todos os tempos. João Paulo II observa que elas se encontram tão ligadas às realidades ordinárias da vida que não se percebe a sua extraordinariedade (TdC 13,1).

1.2 A hermenêutica do dom e o significado esponsal do corpo

No contexto das reflexões sobre a experiência da nudez original, João Paulo II passa a refletir sobre a "hermenêutica do dom", cuja dimensão "vem da verdade essencial e da profundidade de significado da solidão-unidade-nudez original" (TdC 13,2). Como Bransfield (2010, p. 109) explica, para João Paulo II, a dimensão do dom está diretamente relacionada com a criação do mundo, em que o ser humano é criado *ex nihilo*. Conforme o papa, a criação constitui um dom fundamental e original, em que o ser humano aparece como aquele que recebeu em dom o mundo, e o mundo recebeu em dom o ser humano (TdC 13,4).

À luz do versículo em que o Criador diz que "não é bom que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele" (Gn 2,18), o papa polonês destaca que a dimensão do dom revela uma característica essencial da existência da pessoa humana, que não realiza essa essência sozinha, mas apenas ao existir com alguém ou para alguém. Destarte, as palavras "só" e "auxiliar" apontam a norma do existir como pessoa e indicam o quão essencial é a relação e a comunhão de pessoas para o ser humano (TdC 14,1).

Diante da exclamação do primeiro homem à vista da primeira mulher, "esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne" (Gn 2,23), João Paulo II salienta que o ser humano, ao superar a solidão, aparece agora na dimensão do recíproco dom, que tem como expressão o próprio corpo humano, com a sua masculinidade e feminilidade:

O corpo, que exprime a feminilidade "para" a masculinidade e, vice-versa, a masculinidade "para" a feminilidade, manifesta a reciprocidade

e a comunhão das pessoas. Exprime-a por meio do dom como característica fundamental da existência pessoal. Este é o corpo: testemunha da criação como um dom fundamental, portanto testemunha do Amor como origem de onde surgiu este mesmo dom. A masculinidade-feminilidade – isto é, o sexo – é o sinal original de uma doação criadora e de uma tomada de consciência por parte do homem, varão e mulher, de um dom vivido, por assim dizer, de modo originário. Tal é o significado com que o corpo entra na Teologia do Corpo (TdC 14,4).

Esse significado é chamado por João Paulo II de "esponsal" e significa "a capacidade de exprimir o amor: precisamente aquele amor em que o homem-pessoa se torna dom e – mediante este dom – pratica o sentido mesmo do seu ser e existir" (TdC 15,1). Ademais, constitui "o elemento fundamental da existência humana no mundo" (TdC 15,5). O papa observa que, frente à experiência da nudez, com ausência de vergonha, homem e mulher se apresentam livres com a liberdade do dom. Tal liberdade se encontra precisamente fundamentada no significado esponsal do corpo e possibilita e qualifica esse significado (TdC 15,2).

De acordo com West (2007, p. 130-131), o significado esponsal do corpo exprime a consciente experiência que o homem e a mulher têm de seus corpos como um dom e sinal do amor de Deus, que eles compartilham entre si através de sua corporeidade masculina e feminina.

Além da capacidade de exprimir o amor, o significado esponsal do corpo corresponde à capacidade e à disponibilidade para a afirmação da pessoa, ou seja,

A capacidade de viver o fato de o outro – a mulher para o homem e o homem para a mulher – ser, por meio do corpo, alguém desejado pelo Criador 'em si mesmo', isto é, único e irrepetível: alguém escolhido pelo eterno Amor (TdC 15,4).

À luz da segunda narrativa da criação, precisamente em Gn 2,25, o papa polonês deduz que o homem e a mulher entram no mundo com a consciência do significado esponsal de seus corpos, de sua feminilidade e de sua masculinidade (TdC 15,3). Esse significado, juntamente com a felicidade original e com o princípio beatificante da pessoa humana criada por Deus, tem suas raízes no amor criador (TdC 16,1).

João Paulo II ressalta que, apesar de a experiência de inocência original vivida pelo primeiro homem e pela primeira mulher ser narrada de forma breve, nos dois primeiros capítulos do livro de Gênesis, dado que o capítulo seguinte do relato genesiaco trará como conteúdo a queda da humanidade pelo pecado e as suas consequências, ao decorrer de toda a história da humanidade, o ser humano não deixará de conferir significado esponsal ao próprio corpo. Ainda que tal significado tenha sofrido as deformações devido ao pecado, sempre se manterá no nível mais profundo da pessoa humana, devendo ser revelado em toda a sua simplicidade e pureza (TdC 15,5).

Em suma, o significado esponsal não será perdido juntamente com a graça da inocência original, contudo sua descoberta não se dará pela simples realidade da revelação e da graça, mas ficará como "lei imposta ao homem pelo *ethos* do dom, inscrito no íntimo do coração humano, como eco longínquo da inocência original" (TdC 19,2). Na próxima seção, destacaremos as implicações da perda da inocência original para a compreensão e vivência do significado do corpo, bem como a possibilidade de vivê-lo a partir da redenção operada por Cristo.

2 O significado esponsal do corpo diante das consequências do pecado original e da redenção operada por Cristo

Na presente seção, abordaremos as consequências que o pecado original trouxe para a compreensão e vivência do significado esponsal do corpo e os efeitos da redenção operada por Cristo. Para tanto, tomaremos como base as catequeses do segundo ciclo, que tratam do apelo de Cristo ao "coração" da pessoa humana.

2.1 As consequências do pecado original na compreensão e vivência do significado esponsal do corpo

Nesse ciclo de catequeses, João Paulo II parte da afirmação de Cristo no Sermão da Montanha: "Ouviste que foi dito: Não cometerás adultério.

Eu, porém, vos digo: todo aquele que olha para uma mulher com desejo libidinoso já cometeu adultério com ela em seu coração" (Mt 5,27-28). De acordo com o papa, tais palavras de Cristo são dirigidas ao "homem histórico", que representa cada pessoa humana ao longo da história – inclusive, dos dias atuais (TdC 25,1).

Ademais, as palavras de Cristo são dirigidas especialmente ao interior da pessoa humana, ou seja, ao seu "coração", que é a dimensão humana a que o sentido do significado esponsal do corpo está diretamente ligado (TdC 25,2). Conforme West (2007, p. 176), o coração corresponde ao lugar em que a pessoa humana experimenta a verdade do significado de seu corpo ou, diante da dureza do coração, não o experimenta.

Perante a realidade do pecado, o papa polonês observa que o "homem inocente" tem o seu lugar tomado pelo "homem concupiscente" (TdC 28,1). Este, devido à perda da inocência original, sofre uma radical mudança no significado da sua nudez, pois, agora, o homem e a mulher, ao verem que estão nus, vestem-se (Gn 3,6). Conforme João Paulo II, essa experiência da vergonha, que aparece como primeira consequência da queda, demonstra que há uma desordem nos fundamentos da existência do ser humano (TdC 27,1).

West (2018, p. 74) sublinha que a experiência da vergonha indica que o homem e a mulher perderam de vista o sentido esponsal de seus corpos e, por isso, necessitam se proteger do olhar alheio que é concupiscente. Essa necessidade se dá frente ao medo de ser olhado como um objeto por parte da outra pessoa, sendo, portanto, uma vergonha em razão dos sentimentos possessivos do outro (Anderson; García, 2014, p. 140-141).

Devido ao pecado, João Paulo II percebe que a pessoa humana também perde o sentido do direito de participar na percepção do mundo que lhe proporcionava a vivência da verdade e do valor do próprio corpo (TdC 27,4). Ainda, observa que a concupiscência, em particular a do corpo, ameaça a estrutura da autopossesão e do autodomínio, que forma a pessoa humana, uma vez que o corpo não é mais sujeito ao espírito como no estado de inocência original (TdC 28,3).

O papa polonês ressalta, como consequência da queda, a alteração na relação interpessoal entre o homem e a mulher, que não se encontram mais unidos, e sim divididos, por causa de sua masculinidade e feminilidade, em um contexto de domínio sobre o outro (Gn 3,16). Nesse novo estado, eles não são apenas chamados à união, mas se encontram ameaçados pela insaciabilidade dela (TdC 30,5). Segundo João Paulo II, essa realidade confirma que, na base da experiência da vergonha, está a tríple concupiscência, narrada em 1Jo 2,16, a saber: a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida (TdC 30,6).

Conforme o papa, a tríple concupiscência traz consigo uma limitação e deformação do significado esponsal do corpo (TdC 31,5). Esta é manifestada no coração da pessoa humana, sobretudo no âmbito das relações entre homem e mulher, em que a feminilidade e a masculinidade não mais expressam o espírito que tende para a comunhão pessoal, mas se tornam somente objeto de atração, tal como acontece no mundo animal (TdC 32,1).

O papa polonês ressalta que o corpo humano, na sua sexualidade, de certa forma, perdeu a capacidade de exprimir o amor em que a pessoa se torna dom. A expressão adverbial "de certa forma" demonstra que isso não se dá de modo absoluto, pois:

A capacidade de exprimir o amor com que o homem, mediante a sua feminilidade e masculinidade, se torna dom para o outro – em alguma medida não cessou de permear e plasmar o amor que nasce no coração humano. O significado esponsal do corpo não se tornou totalmente estranho àquele coração: não foi totalmente sufocado pela concupiscência, mas só regularmente ameaçado. O "coração" se tornou lugar de combate entre o amor e a concupiscência. Quanto mais a concupiscência domina o coração, tanto menos este experimenta o significado esponsal do corpo, e tanto menos se torna sensível ao dom da pessoa, que nas relações recíprocas do homem e da mulher exprime precisamente aquele significado (TdC 32,2).

João Paulo II constata que a concupiscência ainda afeta o dom sincero da pessoa, visto que subtrai daquela a dignidade do dom, que é ex-

pressa na corporeidade, mediante a sexualidade, e a despersonaliza, ao fazer dela objeto para o outro (TdC 32,4). Ademais, ela reduz as relações interpessoais do homem e da mulher ao corpo e ao sexo, tornando-os quase incapazes de acolher o dom recíproco da pessoa (TdC 32,5).

A concupiscência também compreende a perda da liberdade interior do dom, à qual o significado esponsal do corpo humano está precisamente ligado. Para que o ser humano se torne dom, é necessário, antes, o domínio de si; contudo, a concupiscência limita e restringe o autodomínio da pessoa e, por isso, fica impossibilitada a liberdade interior do dom. Com isso, o corpo se torna "terreno de apropriação" do outro ser humano, e a relação do dom se converte em relação de posse (TdC 32,6).

Em suma, Healy (2005, p. 33-34) explica que a concupiscência, nascida como consequência do pecado original da primeira humanidade, afeta a sexualidade da pessoa humana, que, em vez de enxergar o corpo como uma expressão transparente da vida interior e da verdade da pessoa, agora o percebe como um objeto a ser usado para o prazer ou para a pura gratificação pessoal. Destarte, o significado esponsal do corpo é encoberto, e a capacidade da compreensão de si mesmo como dom é diminuída.

2.2 Os efeitos da redenção operada por Cristo e o chamado à pureza

Nas catequeses do presente ciclo, João Paulo II não limita suas reflexões às consequências do pecado, mas também aponta os efeitos da redenção operada por Cristo. Das palavras de Cristo, no Sermão da Montanha, "eu porém vos digo", o papa destaca que emerge um novo *ethos*, chamado de "*ethos* da redenção do corpo" (TdC 49,2).

Na linguagem de João Paulo II, o *ethos* se refere ao desejo interior e à orientação do coração de cada ser humano (West, 2019, p. 76). Segundo o papa, esse novo *ethos* "é caracterizado por uma transformação da consciência e das atitudes da pessoa humana, quer do homem quer da mulher, a fim de que se manifeste e realize o valor do corpo e do sexo" (TdC 45,3). Em seu pensamento,

a necessidade da redenção do corpo não significa que ele ou a sexualidade seja algo negativo, mas indica a pecaminosidade que fez com que a pessoa perdesse parcialmente o sentido claro do significado esponsal do corpo (TdC 45,2).

Na Carta Encíclica *Veritatis Splendor* (VS), o papa polonês afirma que "o preceito que proíbe o adultério torna-se convite a um olhar puro, capaz de respeitar o significado esponsal do corpo" (VS 15). Nesse sentido, conforme Healy (2005, p. 44), as palavras de Cristo proclamam que a pessoa humana não está condenada à vida de luxúria, e sim chamada a redescobrir o significado esponsal do corpo.

João Paulo II observa que Cristo não convida a pessoa humana a retornar ao estado da inocência original, mas a reencontrar, na sua própria humanidade, as formas vivas do "homem novo". Essas formas derivam de um adequado modo de ser e agir, no qual o *ethos* da redenção do corpo domina a sua concupiscência através de um itinerário de temperança e de domínio dos desejos (TdC 49,4). Nesse caminho, a pessoa experimenta a liberdade do dom, que é a condição e a resposta do sujeito ao valor esponsal do corpo na sua sexualidade própria (TdC 49,6).

Conforme o papa, Cristo inscreveu, no corpo de cada pessoa humana, uma nova dignidade e, com esta, uma nova obrigação, na qual cada cristão deve ter em conta a forma como se comporta para com seu próprio corpo e, também, para com o do outro. Nesse sentido, "a redenção do corpo comporta a instauração, em Cristo e por Cristo, de uma nova dimensão da santidade do corpo" (TdC 56,4).

Ainda, João Paulo II sublinha que, no Sermão da Montanha, Cristo apela à pessoa humana para que viva a pureza de coração, a qual é exigência do amor (TdC 49,7). À luz da doutrina paulina, o papa compreende a pureza como "uma 'capacidade' centrada na dignidade do corpo, isto é, na dignidade da pessoa em relação ao próprio corpo, na feminilidade ou masculinidade que neste corpo se manifesta" (TdC 56,1). West (2007, p. 272) aponta que a pessoa não se pode fazer pura por si mesma, pois a pureza é, além de uma

virtude, um dom ao qual a pessoa deve se abrir.

Diante disso, o papa polonês nos leva a compreender a importância da vida, segundo o Espírito, como condição para a vivência do significado esponsal do corpo, tendo em vista que é o Espírito Santo quem, habitando na pessoa que é seu templo, opera com seus dons espirituais (TdC 57,2). Assim, é graças às forças do Espírito Santo que a redenção de Cristo gera frutos no coração e em todo o comportamento da pessoa humana (TdC 52,1).

Dentre os diversos dons do Espírito, João Paulo II destaca o dom da piedade como o dom que serve à pureza, já que orienta o ser humano à dignidade, que é própria do seu corpo, em virtude da criação e redenção. Além disso, abre o acesso mais pleno à experiência do significado esponsal do corpo e da liberdade do dom ligado a ele, no qual se desvelam o rosto profundo da pureza e a sua ligação com o amor (TdC 57,2). De acordo com Evert (2019, p. 70), a piedade corresponde ao profundo respeito para com aquilo que é sagrado, inclusive o corpo.

West (2018, p. 83) esclarece que a vida, segundo o Espírito, não corresponde à rejeição do corpo, mas à abertura da própria personalidade corpórea-espiritual ao mover divino. Nesse sentido, a pessoa humana é chamada a se abrir à vida, segundo o Espírito, para que possa participar da pureza de coração e, assim, reencontrar e realizar o valor da própria corporeidade, que, mediante a redenção, é liberta dos vínculos da concupiscência (TdC 58,5). Em resumo, a vida, segundo o Espírito, fundamenta-se em uma íntima união, que transforma o interior da pessoa (Bransfield, 2010, p. 201).

Conforme João Paulo II, a pureza é desenvolvida no coração da pessoa que a cultiva, levando-a a descobrir e afirmar o significado esponsal do corpo na sua integral verdade. Esta deve ser conhecida interiormente, para que as relações entre homem e mulher readquiram o conteúdo autenticamente esponsal (TdC 58,6). Destarte, quando a pureza é consumada, a pessoa humana vive os frutos da vitória alcançada sobre a concupiscência; através dessa consumação,

manifesta-se a eficácia da piedade, que é um dom do Espírito Santo que restitui à experiência do corpo toda a sua simplicidade, limpidez e alegria interior (TdC 58,7).

O papa polonês observa que as palavras de Cristo, no Sermão da Montanha, não podem ser entendidas como uma condenação do corpo e da sexualidade. Antes, servem de apelo para que se busque vencer a tríplice concupiscência – em particular, a da carne (TdC 46,1). À luz de tais palavras, o ser humano deve se sentir chamado a “realizar o significado esponsal do corpo e a exprimir de tal modo a liberdade interior do dom, isto é, daquele estado e daquela força espiritual, que derivam do domínio da concupiscência da carne” (TdC 46,4).

João Paulo II salienta que esse chamado é feito tanto exteriormente, pelo Evangelho, como no interior do próprio ser humano, que escuta o apelo de Cristo (TdC 46,5). Nesse sentido, a pessoa humana, ao consentir que as palavras de Cristo atuem em si, poderá ouvir, em seu íntimo, um eco do “princípio” que revela a verdade do significado da sua humanidade, da sua corporeidade e do seu chamado ao amor. Esse eco, no coração do ser humano, encontra-se mais profundamente que a pecaminosidade herdada e que a tríplice concupiscência (TdC 46,6).

Em suma, Healy (2005, p. 46-47) explica que o papa polonês não reduz a exigência das palavras que Cristo profere no Sermão da Montanha, mas atesta que, em Cristo, o ser humano adquire a capacidade de dominar seus impulsos e, assim, viver o significado esponsal de seu corpo, através da vida segundo o Espírito. Como o papa observa, somente no mistério da redenção as concretas possibilidades da pessoa humana são encontradas: “Cristo redimiu-nos! O que significa que Ele nos deu a possibilidade de realizar toda a verdade do nosso ser; Ele libertou a nossa liberdade do domínio da concupiscência” (VS 103).

Por meio da vida, segundo o Espírito, que se dá como fruto da redenção operada por Cristo, o ser humano tem a possibilidade de viver o signifi-

cado esponsal do seu corpo na vocação que por ele for abraçada. Conforme João Paulo II, tanto a vocação matrimonial como a vocação celibatária, por terem sua natureza expressa mediante o total dom de si, “tendem a exprimir aquele significado esponsal do corpo, que ‘desde o princípio’ está inscrito na mesma estrutura pessoal do homem e da mulher” (TdC 78,4).

Após destacarmos as consequências do pecado e a redenção operada por Cristo na vivência do significado esponsal do corpo, buscaremos compreender, na última seção, o significado esponsal do corpo na dimensão futura do ser humano, que se dará com a ressurreição.

3 O significado esponsal do corpo na ressurreição

Nesta última seção, investigaremos o terceiro ciclo de catequeses da Teologia do Corpo, no qual João Paulo II toma como ponto de partida o diálogo de Jesus com os saduceus acerca da ressurreição, narrado nos evangelhos sinóticos de Mateus (22,24-30), Marcos (12,18-27) e Lucas (20,27-40).

3.1 A ressurreição e o destino final do corpo humano

Juntamente com os diálogos das seções anteriores (o de Jesus com os fariseus e o apelo ao “princípio”, bem como o de Jesus no Sermão da Montanha e o apelo ao “coração”), o colóquio de Cristo com os saduceus constitui o terceiro elemento do tríptico de exposições que são constitutivas e essenciais para a Teologia do Corpo, desenvolvida por João Paulo II⁶. Nesse diálogo, o papa polonês destaca que Cristo, ao se referir à ressurreição, desvela uma dimensão completamente nova do mistério da pessoa humana (TdC 64,1).

De acordo com o relato neotestamentário contido nos três evangelhos sinóticos, os saduceus, que formavam um grupo judaico que dizia não existir a ressurreição (Mt 22,23; Mc 12,18; Lc

⁶ No presente ciclo, João Paulo II se utiliza da terminologia “homem escatológico” para se referir ao estado da humanidade na ressurreição futura.

20,27), interrogam a Cristo quanto à lei levítica de Dt 25,5-6, denominada "lei do levirato". Conforme Hahn e Mitch (2014, p. 73), essa lei exigia que um homem se casasse com a mulher do seu falecido irmão caso este tivesse morrido sem deixar filhos, a fim de gerar descendência para ele.

À luz da perícopa supracitada, João Paulo II aponta dois elementos essenciais na resposta de Cristo aos saduceus: o enunciado acerca da futura ressurreição dos corpos e o enunciado acerca do estado dos corpos ressuscitados. Ademais, salienta que Cristo demonstra aos seus interlocutores, que se julgavam competentes intérpretes das Escrituras, um erro de método, por não as conhecerem, e um erro de mérito, pois não aceitam o que é revelado nelas, não conhecerem o poder de Deus e não acreditarem Naquele que se revelou a Moisés (TdC 65,3).

O papa polonês ressalta que é essencial que os três evangelhos sinóticos narrem que, na ressurreição futura, a pessoa humana, ao readquirir o corpo na plenitude da perfeição própria da imagem e semelhança de Deus com a sexualidade que lhe é própria, não se casará (TdC 66,1). Essa narrativa o leva a concluir que o matrimônio é uma realidade que pertence exclusivamente a este mundo, ou seja, na ressurreição, ele perde a sua razão de ser e, portanto, não pertence ao futuro escatológico do ser humano (TdC 66,2).

Por conseguinte, João Paulo II observa que a ressurreição, à luz das palavras de Cristo, não significa somente a recuperação da corporeidade e o restabelecimento da vida humana em sua completude, através da união do corpo com a alma, mas significa, também, um estado completamente novo da vida humana (TdC 66,3). Destarte, o papa polonês afirma:

As palavras "nem se casarão, nem se darão em casamento" parecem ao mesmo tempo afirmar que os corpos humanos, recuperados e também renovados na ressurreição, manterão a sua peculiaridade masculina ou feminina, e que o sentido de ser, no corpo, homem ou mulher será no "outro mundo" constituído e entendido de modo diverso daquele que foi "desde o princípio" e, portanto, em toda a dimensão da existência terrena. [...] As palavras pronunciadas por Cristo sobre a ressurreição nos permitem deduzir que a dimensão de masculinidade e feminilidade – isto é, o ser,

no corpo, de varão e de mulher – será de novo constituída juntamente com a ressurreição do corpo no "outro mundo" (TdC 66,4).

Anderson e García (2014, p. 240) explicam que a ressurreição não extingue a natureza corpórea da pessoa humana, e sim a transforma. Com isso, a diferença sexual entre homem e mulher não desaparecerá com a ressurreição, logo o ser humano não deixará de ser feminino ou masculino.

3.1.1 *Espiritualização do corpo*

João Paulo II descreve que, no "outro mundo", ou seja, no futuro escatológico do ser humano, acontecerá uma "espiritualização" que se dará de forma dissimil da sua vida terrena. A pessoa humana não terá sua natureza psicossomática transformada em natureza angélica, mas, mediante um "sistema de forças", no seu interior, adquirirá uma nova submissão do corpo ao espírito (TdC 66,5).

Segundo o papa, enquanto a humanidade ferida pelo pecado original enfrenta uma oposição entre o que é espiritual e o que é corpóreo, a humanidade escatológica estará livre dessa oposição, pois, na ressurreição, o corpo retornará à plena unidade e harmonia com o espírito. Ademais, a "espiritualização" expressa não só o domínio do espírito sobre o corpo, mas também as forças do espírito que irão penetrar nas energias do corpo (TdC 67,1).

Nesse sentido, João Paulo II frisa que não se trata de uma "desumanização" ou "desencarnação" do ser humano, mas sim da sua perfeita "realização", que consiste na profunda harmonia entre espírito e corpo (TdC 67,1). De fato, a perfeição escatológica e a felicidade da pessoa humana se dão através do estado peremptório da união da alma com o corpo, que se dará com a ressurreição (TdC 66,6).

3.1.2 *Divinização do corpo*

Além da condição de "espiritualização", João Paulo II observa que a humanidade alcançará um estado de "divinização", no qual haverá uma penetração e permeação daquilo que é a natu-

reza humana por aquilo que é a natureza divina, logo é uma participação na vida interior de Deus, que se comunicará não só à alma, mas a toda a subjetividade psicossomática da pessoa humana (TdC 67,3). Desse modo, a graça de Deus não só santificará a alma da pessoa humana, mas permeará seu corpo (Evert, 2019, p. 76).

Conforme West (2007, p. 308), não é somente o espírito que permeará o corpo da pessoa humana, como também o próprio Espírito Santo. Isso significa que faz parte do destino escatológico do ser humano a participação na vida divina da Trindade. Ademais, a vinda do Espírito Santo sobre o corpo do ser humano não o leva à destruição, e sim à plenitude do seu significado original (Anderson; García, 2014, p. 237).

João Paulo II sublinha que a "divinização" deve ser entendida não só como um estado interior da pessoa capaz da contemplação de Deus face a face, mas, ainda, como uma nova forma da sua subjetividade pessoal, à medida da união e intimidade com Deus na perfeita comunhão das pessoas. Nessa intimidade, a subjetividade do ser humano, além de ser absorvida, será destacada de forma mais plena (TdC 67,3). Em outras palavras, a individualidade da pessoa humana não será perdida ou absorvida, porém cada pessoa brilhará em toda a glória de sua irrepetibilidade (West, 2007, p. 309).

3.2 A ressurreição e a plenitude do significado esponsal do corpo

A partir da "espiritualização" e "divinização" que a pessoa humana atingirá na ressurreição, João Paulo II evidencia, em dimensão escatológica, as mesmas características que qualificavam o significado esponsal do corpo, que, no "outro mundo", será desvelado mediante a contemplação de Deus "face a face" (TdC 67,5).

Na ressurreição, o papa polonês constata que haverá o dom de si do ser humano para com Deus como resposta ao de Deus para com o ser humano. Nessa autodoação beatificante da pessoa humana, irá se manifestar o estado virginal do corpo como complemento escatológico do significado esponsal do corpo, em que

a visão "face a face" de Deus fará nascer, no ser humano, um profundo amor para com Deus, que absorverá totalmente sua subjetividade psicossomática. Conforme o papa, a virgindade é "o sinal específico e a expressão autêntica de toda a subjetividade pessoal" (TdC 68,3). Ademais, é o sinal específico da integração da pessoa humana como fruto da comunhão perfeita com Deus (West, 2007, p. 321).

Por conseguinte, João Paulo II aponta que, no "outro mundo", irão se redescobrir a perfeita subjetividade de cada pessoa humana e a perfeita intersubjetividade de todos. Essa realidade expressa o verdadeiro e absoluto cumprimento da subjetividade humana e o absoluto cumprimento do significado esponsal do corpo (TdC 68,4). Destarte, o significado esponsal de ser corpo será realizado de maneira perfeitamente pessoal e comunitária (TdC 69,4).

O corpo, que, desde o princípio, foi feito para ser um sinal característico da pessoa criada no mundo visível e como o meio da recíproca comunicação entre as pessoas, terá seu valor definitivo e revelado através da sua glorificação (TdC 69,6). Desse modo, na ressurreição, o significado esponsal do corpo que foi deformado e limitado como consequência do pecado não será apenas restaurado, mas também levado à sua plenitude (West, 2007, p. 322).

Além do mais, o papa descreve que o significado perene do corpo humano será novamente desvelado em tal simplicidade e esplendor que todos os que participarem do "outro mundo" encontrarão, por meio do seu corpo glorificado, a fonte da liberdade do dom. Essa liberdade, por sua vez, alimentará as diversas comunhões que formarão a grande comunidade da comunhão dos santos (TdC 69,6).

Acerca dessa experiência que a pessoa humana terá do significado do seu próprio corpo, João Paulo II intui:

Será esta uma experiência completamente nova, e ao mesmo tempo não será de nenhum modo estranha àquilo em que o homem "desde o princípio" teve parte e nem sequer por aquilo que, na dimensão histórica da sua existência, constituiu nele a fonte da tensão entre o espírito e o corpo, sobretudo relativa precisamente ao

significado procriativo do corpo e do sexo. O homem do "outro mundo" voltará a encontrar, nessa nova experiência do próprio corpo, precisamente a realização daquilo que trazia em si, perene e historicamente, em certo sentido, como herança e mais ainda como tarefa e objetivo, como conteúdo do *ethos* (TdC 69,5).

Desse modo, será uma experiência absolutamente nova, todavia não será alheia ao que o homem e a mulher no princípio vivenciaram e, ao longo da história, têm buscado recuperar (West, 2018, p. 108).

Em suma, segundo João Paulo II, o corpo humano, que, na união com Deus, será glorificado, terá seu significado esponsal revelado de forma absoluta e eterna na ressurreição. Ademais, através da união de uma perfeita intersubjetividade, unirá a todos os que estiverem no "outro mundo" no mistério da comunhão dos santos (TdC 75,1).

Conclusão

O objetivo geral deste artigo foi apresentar como João Paulo II compreende o significado esponsal do corpo em sua Teologia do Corpo. Para tanto, investigamos os três primeiros ciclos de catequeses proferidas pelo papa polonês, em que ele trata da dimensão originária, histórica e escatológica da pessoa humana e elabora sua visão antropológica do significado esponsal do corpo.

Na seção inicial, partimos do primeiro ciclo de catequeses para compreender como João Paulo II descreve o significado esponsal do corpo, à luz do princípio do ser humano na criação, em suas três experiências originárias: solidão, unidade e nudez. Essa seção nos permitiu entender como o papa polonês conceitua o sentido esponsal do corpo e a importância da liberdade do dom como fundamento e qualificação desse significado.

Quanto à seção seguinte, recorreremos às reflexões contidas no segundo ciclo das catequeses para entender como João Paulo II percebe o significado esponsal do corpo, diante das consequências trazidas pelo pecado, e a possibilidade de o ser humano vivê-lo a partir da redenção operada por Cristo. Notamos que o pecado não apagou completamente esse significado, que pode ser

recuperado através da vivência da pureza, a qual se dá mediante a vida segundo o Espírito Santo.

Já na última seção, exploramos as catequeses do terceiro ciclo, para sondar a maneira como João Paulo II intui que se dará o significado esponsal do corpo na ressurreição final. Mediante um processo de espiritualização e divinização, o corpo humano, ao ser glorificado, terá seu sentido esponsal não apenas restaurado, mas elevado à plenitude, formando a grande comunhão dos santos a partir da união com o próprio Deus.

O significado esponsal do corpo, que, desde o princípio, significa a capacidade de exprimir o amor de total autodoação e de afirmar a pessoa, não é perdido com o pecado, apenas ofuscado. A partir da redenção operada por Cristo, seu sentido pode ser novamente descoberto e vivenciado pelo homem e pela mulher, quer na vocação matrimonial, quer na vocação do celibato pelo reino dos céus, mediante a vida segundo o Espírito Santo, que transforma o interior da pessoa com seus dons e a possibilita viver uma vida de pureza, liberta da concupiscência.

A análise da presente pesquisa se restringiu aos três primeiros ciclos das catequeses da Teologia do Corpo que foram proferidas por João Paulo II, ou seja, à primeira parte. Na segunda parte das catequeses, que compreende os três ciclos restantes, João Paulo II dedica suas reflexões às vocações do celibato pelo reino dos céus e do matrimônio. A forma como o papa polonês analisa a implicação do significado esponsal do corpo, em cada uma delas, será o objetivo de uma futura pesquisa.

Referências

- ANDERSON, Carl; GARCÍA, José Granados. *Chamados ao Amor: a teologia do corpo segundo João Paulo II*. São Paulo: Canção Nova, 2014.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRANSFIELD, Brian. *The human person: according to John Paul II*. Boston: Paulines Books e Media, 2010.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. Sobre a Igreja no mundo atual. Vaticano: Santa Sé, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 12 mar. 2025.

EVERT, Jason. *Teologia do corpo em uma hora*. São Paulo: Paulus, 2019.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. *O evangelho de São Marcos: cadernos de estudo bíblico*. Campinas: Ecclesiae, 2014.

HEALY, Mary. *Men and women are from Eden: a study guide to John Paul II's Theology of the Body*. Cincinnati: Servant Books, 2005.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Veritatis Splendor*. São Paulo: Paulinas, 2006.

MERECKI, Jaroslaw. *Corpo e transcendência: a antropologia filosófica na Teologia do Corpo de São João Paulo II*. Brasília, DF: CNBB, 2014.

SÃO JOÃO PAULO II. *Teologia do Corpo: o amor humano no plano divino*. 2. ed. Campinas: Ecclesiae, 2019.

WEST, Christopher. *No coração do Evangelho: resgatando o corpo para a Nova Evangelização*. São Paulo: Cultor de Livros, 2019.

WEST, Christopher. *Teologia do Corpo para iniciantes: redescobrimos o significado da vida, amor, sexo e gênero*. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

WEST, Christopher. *Theology of the Body explained: a commentary on John Paul II's Man and woman He created them*. 2. ed. Boston: Paulines Books e Media, 2007.

WOJTYLA, Karol Józef. *Amor e responsabilidade*. São Paulo: Cultor de Livros, 2015.

Gustavo Escoboza da Costa

Doutorando, mestre e graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Endereço para correspondência

Gustavo Escoboza da Costa

Rua Japim, 560

Jardim Bandeirantes, 86703-090

Arapongas, PR, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.